



UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY

DE JERUSALÉM A JERICÓ ONTEM E HOJE

Reinterpretando a Parábola do Bom Samaritano para os dias atuais

JOAO LUIZ DA COSTA LOBO JUNIOR

Rio de Janeiro - RJ

2025

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO “PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

DE JERUSALÉM A JERICÓ ONTEM E HOJE

Reinterpretando a Parábola do Bom Samaritano para os dias atuais

JOAO LUIZ DA COSTA LOBO JUNIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de TCC II, lecionada pelo Prof. Dr. Marcos Porto Freitas da Rocha, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Emilio Sandro Mesquita Peçanha

Rio de Janeiro - RJ

2025

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO “PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

JOAO LUIZ DA COSTA LOBO JUNIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de TCC II, lecionada pelo Prof. Dr. Marcos Porto Freitas da Rocha, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Trabalho considerado: APROVADO SEM RESSALVAS – COM NOTA 100.

Professor Orientador: Emilio Sandro Mesquita Peçanha

UNIGRANRIO

Professor Dr. Marcio Simão de Vasconcellos

UNIGRANRIO

Professor: Dr. Marcos Porto Freitas da Rocha

UNIGRANRIO

Rio de Janeiro – RJ - 2025

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) propõe a reinterpretação da Parábola do Bom Samaritano, registrada em Lucas 10:25-37, como um novo paradigma ético que confronta o legalismo religioso e o individualismo contemporâneo. A pesquisa se desenvolveu através da análise narrativa e da releitura hermenêutica, que busca explorar a "reserva-de-sentido" do mandamento do amor, com o auxílio da crítica ao legalismo de autores contemporâneos. O estudo contextualiza a profunda inimizade histórico-cultural entre judeus e samaritanos, que torna o Samaritano a escolha mais chocante e proposital de Jesus. A análise demonstra que a narrativa promove a inversão da pergunta original do legista — de uma busca por delimitação legal ("Quem é o meu próximo?") para um imperativo de ação e compaixão ("De quem eu me tornei próximo?"), transformando a questão da salvação em um imperativo prático. Os resultados indicam que a atitude omissa do Sacerdote e do Levita se deve, em parte, ao medo de violar a lei da santidade e se contaminar cerimonialmente, demonstrando que o conhecimento da lei sem a prática da misericórdia é vazio. Em contrapartida, o Samaritano, um personagem marginalizado e considerado inimigo, estabelece o modelo de comportamento evangélico ao priorizar a vida humana sobre a pureza ritual. Conclui-se que o amor a Deus e ao próximo se torna o princípio supremo que rompe barreiras sociais e se converte no caminho para a vida em plenitude.

Palavras-chave: Parábola do Bom Samaritano; legalismo; amor ao próximo; hermenêutica; compaixão.

ABSTRACT

The present course completion paper (TCC) intends to reinterpret the Parable of the Good Samaritan, recorded in Luke 10:25-37, as a new ethical paradigm that confronts religious legalism and contemporary individualism. The research was developed through narrative analysis and a hermeneutic re-reading, which seeks the "reserve-of-meaning" of the commandment of love, in addition to contextualizing the profound historical-cultural enmity between Jews and Samaritans. The study demonstrates that Jesus promotes the inversion of the lawyer's original question—from a search for legal delimitation ("Who is my neighbor?") to an imperative of action and compassion ("Who did I become a neighbor to?"). The results indicate that the Priest's and Levite's omission was partly due to the fear of violating the law of holiness and becoming ceremonially unclean, showing that knowledge of the law without the practice of mercy is empty. The Samaritans' attitude, a marginalized character considered an enemy, establishes the model of evangelical behavior, where mercy and selfless action supersede ritual purity and knowledge of the law. It is concluded that love and compassion constitute the supreme principle that breaks social barriers and becomes the path to a life of fullness.

Keywords: Parable of the Good Samaritan; legalism; love for neighbor; hermeneutics; compassion.

INTRODUÇÃO

A parábola do Bom Samaritano, registrada no Evangelho de Lucas (Lc 10:25-37), compõe um dos textos mais paradigmáticos da literatura neotestamentária, constituindo um alicerce irrefutável da ética cristã e da responsabilidade social. Estabelecida no diálogo de Jesus com o Doutor da Lei, sobre como herdar a vida eterna e a definição do "próximo", a narrativa (ou exegese) ultrapassa sua moldura histórica, impondo um imperativo severo de compaixão e atitude diante da vulnerabilidade humana. Inicialmente, esta seção apresenta ao leitor o "estado da questão" que orienta esta pesquisa, expondo o contexto geral do estudo, os referenciais teóricos que o alicerçam e a estrutura que a compõe. O caminho de Jerusalém a Jericó aborda seus perigos e exclusões sociais, intrínsecos à época de Jesus, e que ecoa de forma atemporal nas estradas e realidades (ou contextos) da sociedade nos dias atuais.

Ainda que a parábola do Bom Samaritano tenha sido vastamente discutida por autores como Patuzzo e Navarro, Meneses e Pagola, que primam pela mensagem universal, persiste a necessidade de uma análise sistêmica, cujo foco é a aplicação prática para o momento presente. Este trabalho retoma as questões destacadas no projeto de pesquisa inicial, especificamente no que se refere à tensão entre a ortodoxia religiosa e a ortopraxia social. Assim sendo, o Problema de Pesquisa central deste TCC é: "Como os princípios teológicos e éticos inerentes à Parábola do Bom Samaritano podem ser reinterpretados e aplicados de forma eficaz para engajar a comunidade de fé na atenuação da vulnerabilidade e exclusão social nos dias atuais?" O Objetivo Geral é analisar a exegese lucana da parábola e suas implicações éticas, com o propósito de propor um modelo de releitura que promova a responsabilidade e o cuidado com o "próximo" nos dias de hoje.

A presente pesquisa elabora uma abordagem qualitativa e utiliza a pesquisa bibliográfica como seu principal método, alicerçando-se em estudos exegéticos e hermenêuticos. A formação do artigo baseou-se em uma pesquisa documental das Escrituras, com uma atenção focada na Teologia Lucana, fundamentada pelos pressupostos teóricos de: exegese bíblica, Moreira, estudos sobre o Jesus Histórico, Pagola, e ética social e teológica. Essa base teórica conduziu a uma análise hermenêutica contextual, que procurou transpor os elementos do texto sagrado — o

caminho, os personagens e a figura emblemática do Bom Samaritano como 'próximo' — para as analogias sociais e ministeriais da atualidade.

Para alcançar o objetivo proposto, este trabalho está organizado e estruturado em três tópicos, além desta Introdução e das Considerações Finais. O tópico um, intitulado “A Parábola do Bom Samaritano: Análise Histórico Literária de Lucas 10,25-37”, dedica-se à exegese do texto, contextualizando-o na obra lucana e na sociedade judaica do primeiro século. O tópico dois, “O Imperativo Ético do Amor e a Construção do ‘Próximo’ Vulnerável”, aborda as implicações teológicas e éticas dos ensinamentos de Jesus, com foco no conceito de vulnerabilidade. Por fim, o tópico três, “De Jerusalém a Jericó Hoje: Propostas de Reinterpretação para a Ação Contemporânea”, apresenta a releitura e a aplicação prática da parábola nos desafios sociais de hoje. As Considerações Finais resumem as descobertas e fornecem um horizonte para estudos futuros, finalizando a análise concisa aqui apresentada.

E quem é o meu próximo?

Podemos começar este tópico com essa pergunta chave que culminou na parábola contada por Jesus, no livro de Lucas capítulo 10, versículos 25-37. A parábola conclui que a verdadeira essência de ser um próximo não se baseia em quem merece a ajuda, mas sim na atitude de se aproximar e agir com compaixão em relação a quem precisa. Portanto, a lição central redefine a ideia de próximo de um conceito de identidade ou pertencimento para um de ação e compaixão.

Eis que um legista se levantou e disse para experimentá-lo “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” Ele disse: “Que está escrito na Lei? Como lês?” Ele, então, respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo.” Jesus disse: “Respondeste corretamente; faze isto e viverás.” Ele, porém, querendo se justificar, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?” Jesus retomou: “Um homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. Certo Samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o a hospedaria e dispensou-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: 'Cuida dele; e o que

gastares a mais, no meu regresso te pagarei. Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele.” Jesus então lhe disse: “Vai, e também tu, faze o mesmo.”¹

Para a compreensão plena da parábola e de seu impacto original, é indispensável que o leitor moderno não se limite à superfície da narrativa e de seus personagens. É preciso, sobretudo, mergulhar na bagagem histórico-cultural subjacente ao texto. Especificamente, a profunda inimizade entre judeus e samaritanos — um ódio que pode soar desproporcional ou meramente folclórico para o leitor contemporâneo — constitui o cerne da mensagem.

Ao se contextualizar e elucidar a intensidade desse antagonismo, a parábola adquire sua verdadeira força, tornando-se uma mensagem de clareza inquestionável, de fácil apreensão e, inegavelmente, profundamente provocadora para a audiência que a escuta ou a lê. A contextualização histórica, portanto, não é um adendo, mas a chave que destrava a radicalidade da interpelação ética proposta pelo narrador.

A dificuldade humana de aceitar o diferente e de se relacionar com o outro, um problema central na nossa existência, foi um tema recorrente nas palavras de Jesus. Ele levantou essa questão de forma profunda e direta, expondo a nossa tendência a julgar, a rejeitar e a nos isolar daqueles que não se encaixam em nossas expectativas ou em nosso círculo social. Sua mensagem nos desafia a olhar para além das nossas próprias limitações e preconceitos, incentivando a compaixão e o amor como a base para a verdadeira convivência.

O texto destaca que o preconceito e o ódio são os maiores problemas da humanidade, pois ela (a parábola, ou seja, uma narrativa que transmite uma mensagem indireta, por meio de comparação ou uma analogia) desafia essas emoções e nos ensina que o amor ao próximo é uma atitude que ultrapassa qualquer barreira social e cultural, exigindo compaixão e misericórdia, mesmo diante da indiferença e do individualismo contemporâneo.

¹BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

Entendendo o contexto histórico e seus personagens

A gênese da inimizade entre samaritanos e judeus remonta diretamente à cisão do Reino Unido de Israel. Esta divisão, profeticamente decretada por Deus em juízo sobre Salomão, consumou-se após a morte do rei, devido à recusa de seu filho Roboão em aliviar os pesados encargos sobre as tribos do Norte (1 Rs 12:1–19).

O resultado dessa recusa foi a formação de dois estados distintos: o Reino do Sul, ou Reino de Judá, que se manteve fiel à dinastia davídica, consistindo primariamente nas tribos de Judá e Benjamim, com a tribo de Simeão territorialmente absorvida, e Jerusalém como capital. "Agora, através da resposta tola dada por Roboão, antigos antagonismos rebentaram sob a forma de rebelião e cisma. Duas nações surgiram onde antes havia uma única"² Em contraste, o Reino do Norte, ou Reino de Israel, sob o comando de Jeroboão, congregou as demais tribos (Rúben, Zebulom, Issacar, Dã, Gade, Aser, Naftali, e as tribos de Levi e José — Efraim e Manassés). Este reino iniciou seu governo em Siquém (Siquém) e Tirza, mas consolidou Samaria como seu centro político definitivo.

A queda do Reino do Norte sob o domínio assírio (722 a.C.) desencadeou um processo complexo, e não uma simples miscigenação total. As fontes indicam que o Império Assírio, seguindo sua política de despovoamento estratégico, levou ao exílio primariamente as elites e as classes mais abastadas de Israel, deixando para trás a maioria dos camponeses e populações menos influentes. Para evitar revoltas, a Assíria repovoou a região com estrangeiros de diversas localidades, iniciando uma fusão gradual entre os israelitas remanescentes e os colonos pagãos.

A consequência dessa dinâmica sociopolítica e religiosa resultou na formação da identidade samaritana e em uma divergência religiosa inaceitável para os judeus. Enquanto o sincretismo e a adoração a outros deuses eram práticas que, de fato, também se manifestavam em Judá (como atesta o registro profético), a grande ofensa residia na mistura de linhagem e de culto praticada pelos samaritanos.

Essa nova comunidade não apenas aceitou divindades estrangeiras, mas também construiu um templo rival no Monte Gerizim, em oposição direta ao Templo de Jerusalém. Este ato foi percebido pelos judeus do Sul, que haviam retornado do

²CHAMPLIN, apud LAZZARI JUNIOR, Julio Cesar. A mensagem universal e atemporal da parábola do bom samaritano. **Revista de Cultura Teológica**, v. 19, n. 73, p. 31, jan./mar. 2011.

exílio babilônico e se dedicavam a um monoteísmo estrito, como a definitiva e inegociável afronta ao culto puro.

A inimizade histórica atingiu seu ápice e se solidificou no período pós-exílio. Ao contrário dos judeus que foram levados para a Babilônia, a comunidade que deu origem aos samaritanos não havia sido deportada por Nabucodonosor, permanecendo na terra e misturando-se com colonos estrangeiros (resultado da deportação assíria anterior). Quando os judeus retornados do cativeiro babilônico iniciaram a reconstrução do Templo em Jerusalém (538 a.C.), os samaritanos ofereceram ajuda.

Contudo, os líderes judaicos (especialmente Zorobabel, Esdras e Neemias) rejeitaram categoricamente essa assistência. Os judeus consideravam os samaritanos impuros por causa da sua linhagem mista e do sincretismo religioso que haviam desenvolvido. Essa negação, somada à construção do templo rival no Monte Gerizim, foi o ato definitivo que institucionalizou o cisma religioso e intensificou a inimizade entre os dois grupos, tornando a divergência inaceitável.

A hostilidade entre eles era tão intensa que os Judeus evitavam passar por Samaria por medo da contaminação cerimonial como relata o Apóstolo João em seu livro no capítulo 04, versículos 07-09.

Uma mulher da Samaria chegou para tirar água. Jesus lhe disse: "Dá-me de beber!" (Seus discípulos haviam ido à cidade comprar alimento.) Diz-lhe, então, a samaritana: "Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?" (Os judeus, com efeito, não se dão com os samaritanos.)³

Compreender as rivalidades históricas e culturais entre os povos é fundamental para analisar as ações e motivações de cada personagem na narrativa de Lucas. Ao aprofundarmos essa perspectiva, podemos ir além da superfície do texto e captar as complexidades das atitudes de cada indivíduo, entendendo como o contexto de conflito e preconceito molda suas escolhas e interações. Essa abordagem nos permite uma leitura mais rica e detalhada, revelando camadas de significado que, de outra forma, passariam despercebidas. A seguir analisaremos cada personagem do texto do evangelista Lucas:

³Jo 4, 7-9.

Conhecendo os personagens da parábola

O homem assaltado não está implícito no texto, porém há quem diga que se trata de um Judeu, vítima de um ataque de ladrões que o deixou semimorto e indefeso.

O sacerdote provavelmente estaria vindo de um longo período de trabalho no templo, pertencente ao clero Judaico. Viu o que sucederá com o homem, porém não o ajudou e passou de largo. Muitas questões e hipóteses se falam sobre a tal atitude, talvez por medo dos ladrões ainda estarem por perto, e ele, vindo de um longo período de trabalho, deveria estar com seu sustento na bolsa, pensando como seria se o mesmo acontecesse com ele e como sustentaria sua família, ou com pressa, justamente por estar ausente de casa muitos dias, acreditando que o que vinha logo após ele, daria assistência ao homem caído, e por última hipótese, é a que mais pode se aproximar do real motivo, seria possivelmente um medo de se tornar impuro por tocar em feridas ou sangue conforme as leis religiosas.

O levita, oriundo da tribo de Levi, servia como auxiliar dos sacerdotes nos trabalhos religiosos do Templo. Ao analisarmos a parábola, podemos levantar algumas hipóteses que explicam sua omissão. Uma delas é o cansaço decorrente de uma longa jornada de trabalho. Afinal, Jesus relata que ele e o sacerdote desciam de Jerusalém a Jericó, sugerindo uma viagem extenuante.

Essa proximidade na passagem sugere que ambos poderiam estar retornando do mesmo lugar, possivelmente após um período de adoração e serviço religioso em Jerusalém. Como afirma Charles Spurgeon em seu livro sobre as parábolas, o texto enfatiza que eles desciam o caminho de Jerusalém para Jericó.

depois de haver cumprido seus deveres do mês no templo, onde estava acostumado à adoração ao Altíssimo, de forma tão próximo quanto um homem poderia estar, servindo entre os sacrifícios, salmos sagrados e orações solenes. Mesmo assim ele não aprendera como fazer de si mesmo um sacrifício. Ele ouvira aquelas palavras proféticas que dizem: "misericórdia quero, e não sacrifício", porém se esquecera completamente desse ensinamento. Muitas vezes lera: "amarás o teu próximo como a ti mesmo", mas não o levou em consideração⁴.

Ambos estavam perto de Deus, tanto o Sacerdote como o Levita, mas não tinham o coração Dele. Além de tudo isso, essas duas pessoas tinham, por sua

⁴SPURGEON, C. H. **Sermões de Spurgeon sobre as Parábolas**. São Paulo: Publicações Pão Diário, 2019, p.117.

profissão, o compromisso de socorrer esse homem, pois foram separados dentre os homens para que tivesse um sentimento de compaixão e escolhidos para falar da parte de Deus aos homens e da parte dos homens a Deus, sendo gentil, generoso, bondoso, cheio de empatia e terno, mas esse Sacerdote não era assim, tampouco o Levita. Então, essas são algumas das razões pelas quais podemos imaginar a falta de empatia dos personagens ilustrados por Jesus.

O último e mais importante dos personagens citados pelo Mestre: O Samaritano, apesar de não esperar tal atitude de empatia, foi o único que expressou através de seus atos de bondade e compaixão o verdadeiro amor ao próximo, superando todos os preconceitos, barreiras de etnias, religião ou classe social. Mesmo sendo visto por muitos como um inimigo, ajudou alguém que não conhecia sem esperar nada em troca, agindo com misericórdia e amor em favor de quem estava sofrendo, assim como Jesus nos chamou para amar, vivendo uma deliberação de alteridade que prioriza o outro, levando a agir de forma espontânea e sem interesses, se opondo ao individualismo representado pelo Sacerdote e pelo Levita.

O princípio espiritual da parábola

A busca humana pela vida em plenitude encontra sua resposta definitiva na primazia do amor, um princípio que reverte o legalismo estrito para a ação concreta. Conforme a resposta do próprio legista a Jesus, a vida eterna está ancorada na indissociabilidade entre a mística interna (amor total a Deus) e a prática externa (amor ao próximo). O amor, portanto, não é um conceito teórico; ele é o centro irradiador da existência que deve se manifestar como prática ilimitada e sem fronteiras.

Essa concepção teológica denuncia o vazio de uma religião que se contenta com rituais e estabelece limites, pois a falha do sacerdote e do levita reside exatamente na tentativa de separar as duas faces da mesma moeda do amor, priorizando a pureza ritual sobre a compaixão e demonstrando o colapso do legalismo diante da urgência da necessidade humana⁵.

⁵STORNILO, Ivo. **Como ler o Evangelho de Lucas**: os pobres constroem a nova história. São Paulo: Paulus, 2022, pp. 106-107. (Série Como Ler a Bíblia).

Ao comentar a resposta do legista a Jesus, o autor enfatiza a unidade do mandamento que o legalismo fragmenta:

Notar que um só verbo comanda os dois mandamentos, mostrando que Deus e o próximo são como que as duas faces da mesma moeda do amor. O amor a Deus é a mística interna que rege a prática externa do amor ao próximo. O amor a Deus exige total devotação (coração, alma, força e mente), e o amor ao próximo total identificação (como a si mesmo)⁶.

Essa história narrada por Lucas e contada por Jesus na ocasião ao ser abordado pelo intérprete da lei, não é uma lição de moral, mas sim uma crítica direta ao individualismo religioso, onde o Sacerdote e o Levita deveriam ser o modelo de piedade, porém falham em sua missão ao ignorar o próximo. "O Sacerdote e o Levita eram senhores de si e do seu mundo, nunca nos seus corações sentiriam a vulnerabilidade. Julgavam-se incólumes e fortes. A vulnerabilidade do Desvalido nada lhes diz."⁷.

Essa crítica de Jesus ao legalismo e à separação entre culto e vida continua a ressoar no pensamento cristão contemporâneo. O Pacto de Lausanne, por exemplo, estabelece o imperativo de que a fé deve, necessariamente, traduzir-se em ação social e política, combatendo justamente o tipo de indiferença demonstrado pelos líderes religiosos da parábola:

Afirmamos que Deus é o Criador e o Juiz de todos os homens. Portanto, devemos partilhar o seu interesse pela justiça e pela conciliação em toda a sociedade humana, e pela libertação dos homens de todo tipo de opressão. A mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, opressão e discriminação; e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça, onde quer que existam. A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta.⁸

Em contrapartida, vemos uma ação do Samaritano que transcende a letra da lei. Observamos um homem que não se importa ou preocupa com a pureza ritual, mas com a necessidade do ser humano. Isso ecoa o ensinamento de Jesus, sobre a primazia do amor ao próximo sobre o legalismo.

⁶Ibid., p. 106

⁷MENESES, Ramiro Délio Borges. O vulnerável segundo a parábola do Bom Samaritano. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 14, n. 56, p. 9-35, jul./set. 2006, p. 25.

⁸CONGRESSO INTERNACIONAL DE EVANGELIZAÇÃO MUNDIAL (1.: 1974: Lausanne, Suíça). **Pacto de Lausanne**. Lausanne: Movimento de Lausanne, 1974. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/statement/pacto-de-lausanne>. Acesso em: 23 ago. 2025, p. 2.

Essa atitude do Samaritano de alargar os limites do mandamento encaixa-se no princípio da interpretação bíblica que define a releitura como "a leitura interpretativa de um texto, que faz 'crescer' seu sentido original."⁹

A lição hermenêutica da parábola reside precisamente no ato de recontextualização. Jesus força o Mestre da Lei, e por extensão o leitor, a uma nova leitura que desvende a "reserva-de-sentido" da Lei do amor. Para o teórico, o significado de um texto não se esgota na intenção original de seu autor, mas continua a se expandir conforme é aplicado ao horizonte do leitor; a parábola, assim, impede que o conceito de próximo seja aprisionado no legalismo, libertando o mandamento para a compaixão efetiva.¹⁰

A escolha feita por Jesus acerca desse personagem, profundamente marginalizado pelos Judeus, é chocante e proposital, pois sendo inimigos dos Judeus e teologicamente não compartilhava da crença na vida eterna. Porém, seu ato de amor ao próximo era puro e desinteressado, sem a expectativa de uma recompensa futura.

A profundidade da lição teológica de Lucas reside precisamente na escolha intencional do Samaritano como modelo de conduta. Gilvander Luís Moreira argumenta que, na obra do evangelista, as figuras apresentadas não operam como indivíduos isolados, mas sim como exemplos paradigmáticos¹¹. Tais arquétipos têm a função de guiar as comunidades cristãs e, sobretudo, desestabilizar a indiferença. Nesse sentido, a ação do Samaritano estabelece o comportamento evangélico correto. Sua primazia pela vida humana contrasta de maneira acentuada com o legalismo das autoridades religiosas, que negligenciam a necessidade urgente do próximo em favor de uma pureza ritual vazia de compaixão.

A primazia do ensinamento de Jesus reside na reorientação do mandamento, que se opõe diretamente à estreiteza do legalismo judaico. Essa perspectiva teológica reverte o critério: a questão crucial não se restringe a quem merece o amor (foco na identidade), mas concentra-se na ação de quem efetivamente o manifesta (foco na compaixão). Essa subversão é o cerne da parábola, como atesta Moreira,

⁹CROATTO, José Severino. **Hermenêutica bíblica**: para uma teoria da leitura como produção de significado. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 58.

¹⁰Ibidem.

¹¹MOREIRA, Gilvander Luís. **Lucas e Atos**: uma teologia da história: teologia lucana. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 103. (Coleção Bíblia em comunidade. Série teologias bíblicas; 12).

ao indicar que "Jesus redimensiona a pergunta – 'quem se fez próximo?' E não mais 'quem é o meu próximo?' —; não levanta mais a pergunta de modo absoluto, mas de uma situação concreta, em que a vida de uma pessoa estava em perigo."¹².

O ensinamento de Jesus não se limitou a reformular o conceito de próximo em um nível teórico ou hermenêutico. Pelo contrário, Ele transformou a questão da salvação em um imperativo prático e imediato, rompendo de vez com a passividade e o rigor meramente ritualístico do legalismo. O Mestre da Lei é convocado a uma mudança de postura que ultrapassa a mera compreensão da Torá e exige uma conversão radical à ação: "Jesus diz ao escriba: 'Vá, e faça a mesma coisa'. Com esse imperativo, Jesus chama o escriba a uma conversão radical. Ele deve sair de si mesmo, igualar-se ao samaritano e fazer o que este fez."¹³.

Implicações teológicas da parábola

Após contextualizar a realidade social e os conflitos que envolviam a Parábola do Bom Samaritano, o foco desta seção move-se para a intenção teológica de Jesus. A narrativa, mais do que uma lição moral, é uma ferramenta de ensinamento que estabelece um novo paradigma ético, confrontando o legalismo e exigindo uma conversão prática do ouvinte.

O novo paradigma de "Próximo": a inversão de Jesus

Conforme mencionado, a pergunta inicial do legista a Jesus — "Mestre, que farei para herdar a vida eterna?"¹⁴ — é o ponto de partida para a narrativa. Após Jesus validar o mandamento do amor e o legista responder com a questão "E quem é o meu próximo?"¹⁵, o foco da análise se inverte. Não se trata mais de inquirir: "Quem é o meu próximo?" (uma busca por delimitação legal); mas sim de questionar: "De quem eu me tornei próximo?" (um imperativo de ação). Esta reformulação enfatiza que o amor misericordioso não é um conceito teórico, mas sim uma força motriz que nos move à ação. A parábola, ao convidar-nos a ser como o Samaritano — que vê, sente compaixão e cuida sem intenção de retribuição —, transforma a reflexão em um chamado prático.

¹²ibidem.

¹³ibidem.

¹⁴Lucas 10:25.

¹⁵Lucas 10:29.

Havendo chegado até este ponto, deve ficar firmemente estabelecido que a exploração do sentido de um texto não se reduz a um trabalho crítico, puramente literário e acadêmico. Existe também uma práxis, do crítico ou do seu contexto sócio-histórico, que indica o parâmetro da leitura. Não se "sai" do texto (ex-egese, do grego ago, "conduzir/guiar"), trazendo um sentido puro nele recolhido, como um mergulhador traz um coral à superfície do mar ou como se tira um objeto de um cofre. Antes, a partir de um horizonte vivencial novo que repercute significativamente na produção de sentido que é a leitura, "entra-se" no texto (eis-egese) com perguntas que nem sempre são as de seu autor. Já estudamos por que toda leitura é "releitura" do sentido de um texto. [...] No entanto, também aquela se pratica a partir de um determinado lugar (social, teológico), ou seja, a partir de uma concepção da realidade e, então, a exegese é, ao mesmo tempo, eisegese. A releitura teológica de base, por outro lado, está condicionada pela estrutura, os códigos, a polissemia do texto... que se deve explorar incansavelmente. Desta vez a eisegese é exegese. Uma e outra são inseparáveis no ato de produção do sentido que é a leitura¹⁶.

Ao analisarmos a hermenêutica narrativa de Jesus, à luz da perspectiva de Croatto em sua obra sobre hermenêutica bíblica, percebemos que ele a define não como algo novo, mas sim como um método de leitura das parábolas a ser explicitado e organizado. Croatto equipara essa abordagem à interpretação em geral, destacando três pontos principais que se aplicam tanto à análise do texto quanto à compreensão dos acontecimentos.

O autor reforça a ideia de que o ato hermenêutico faz com que o sentido do texto cresça a cada leitura e não se repita. Isso condiciona o leitor a partir de sua pré-compreensão, que é oriunda de seu contexto de vida, permitindo que um mesmo texto evoque múltiplas significações simultaneamente. Nesse processo, a exegese (tirar o sentido do texto) e a eisegese (entrar no texto com as próprias perguntas e pressupostos) tornam-se inseparáveis¹⁷.

Desse modo, a história narrada por Jesus, que traz uma reflexão sobre a vida eterna, demonstra que ela não é um checklist de boas ações, mas o verdadeiro caminho para quem vive o amor desinteressado pelo próximo.

No artigo "A vida eterna é para aquele que não a procura", Marcelo da Silva Carneiro e Silvio Cesar José Pereira Gomes defendem a tese de que, ao fazer a pergunta a Jesus, o doutor da lei estava motivado por interesse e egoísmo. Ele buscava, no mínimo, o necessário para garantir seu lugar no paraíso.

¹⁶CROATTO, op. cit., p. 47.

¹⁷Ibidem.

Diferentemente dele, o Samaritano não se encaixava nos padrões religiosos da época e, segundo os autores, agiu sem a motivação de buscar a vida eterna como uma recompensa, movido por pura compaixão e misericórdia ao ver o homem ferido, sem pensar no que isso lhe traria em retorno. A hermenêutica desse artigo sugere, portanto, que a vida eterna é alcançada por aqueles que não a têm como objetivo. Ela é uma consequência da virtude, e não uma meta a ser conquistada¹⁸.

O amor como primazia ética sobre o legalismo ritual

Como resultado da inversão da pergunta (de "Quem é o meu próximo?" para "De quem eu me tornei próximo?") na Parábola do Bom Samaritano, o próximo é redefinido como qualquer pessoa em necessidade, sem distinção de raça, origem, religião ou status social.

Em contraste, a narrativa de Jesus descreve a atitude do Sacerdote e do Levita — ambos conhecedores da lei e representantes da religião — que ignoraram o homem ferido, passando de largo. Preocupados apenas com seus próprios interesses, eles demonstram com suas ações que o conhecimento da lei sem a prática da misericórdia é vazio.

Por outro lado, o Samaritano, um estrangeiro considerado herege pelos judeus, é quem presta ajuda, manifestando um amor genuinamente desinteressado.

A teóloga Izabel Patuzzo e Tarlei Navarro, em seu artigo publicado na revista *Contemplação*, realiza uma análise narrativa sob a perspectiva sincrônica. Ela afirma que Jesus não usou a parábola de forma pedagógica, sem a intenção de ensinar como obter a vida eterna, mas sim como um convite a uma mudança de perspectiva sobre quem é o nosso próximo.

Tanto é que Jesus não responde diretamente à pergunta do Doutor da Lei, mas inverte o sentido da indagação: a questão não é mais "quem devo amar", mas "como eu me torno próximo para quem precisa".

Na visão de Patuzzo, a parábola desafia a limitação humana de definir e categorizar o amor ao próximo. A autora sugere que o Evangelho rompe barreiras sociais e religiosas, demonstrando que o amor incondicional deve se estender a

¹⁸CARNEIRO, Marcelo da Silva; GOMES, Silvio Cezar José Pereira. A vida eterna é para aquele que não a procura: a parábola do Bom Samaritano. **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 17, n. 3, jul./dez. 2019, p. 137.

todos, principalmente aos marginalizados e mais vulneráveis. Ela afirma que herdarão a vida eterna aqueles que praticam a misericórdia de forma incondicional, a exemplo do Samaritano. A essência da parábola é a ação, e não a definição. Segundo os autores, a leitura da passagem bíblica causa uma reviravolta:

A pergunta de Jesus ao escriba causa uma reviravolta, pois não pergunta quem pertence ao povo de Deus, mas interrogou sim qual deveria ser a ação de uma pessoa que se considera parte desse povo eleito de Deus e a resposta de Jesus é desconcertante: aquele que usou de misericórdia.¹⁹

A parábola sugere que o Evangelho rompe barreiras sociais e religiosas, demonstrando que o amor está acima das leis estabelecidas. Essa análise se alinha com a perspectiva de José Luis Sicre Díaz, que em seu livro *Introdução ao Antigo Testamento*, aborda a legislação veterotestamentária à luz das pesquisas atuais.

Para Sicre, as leis de Israel, assim como as de qualquer povo, não surgem de meras discussões teóricas; elas respondem às necessidades vitais do cotidiano do povo. Diante disso, é pertinente questionar: como surgiram tais leis, que regem pensamentos e atos e, por vezes, se colocam acima de uma atitude de compaixão e amor?

Segundo a tradição bíblica, Moisés foi o primeiro e grande legislador de Israel. Ele pertencia a uma cultura nômade e precisou resolver inúmeros problemas durante a peregrinação pelo deserto. Por essa razão, Deus lhe entrega as tábuas da lei, que representam os preceitos divinos para o povo escolhido. Entre tantas leis determinadas pelo Senhor, o foco desta análise recairá sobre "a lei da santidade".

Ao longo dos séculos e em diversos contextos, as leis de Israel foram criadas, culminando na sua reunião no Pentateuco. O autor afirma que esta Lei se tornou o maior presente concedido por Deus ao seu povo, sendo os livros que a contêm altamente valorizados. No entanto, ele adverte que, apesar de sua origem divina, a Lei está sujeita ao perigo de gerar uma mentalidade legalista, na qual a obediência à norma estabelecida se sobrepõe à prática da misericórdia e do amor ao próximo.

É contra essa atitude que a Parábola do Bom Samaritano se posiciona. Jesus utilizou essa narrativa. A esse respeito, Sicre, argumenta que o perigo do legalismo reside no fato de que:

¹⁹PATUZZO, Izabel; NAVARRO, Tarlei. E quem é o meu próximo? Uma leitura de Lc 10,25-37 em chave narrativa. **Revista Contemplação**, v. 23, 2020, p. 162

A "lei", então, se converte para os judeus no maior dom de Deus a seu povo, e os livros que a contêm são os mais estimados. Inevitavelmente, a lei, inclusive a divina, corre o perigo de provocar uma atitude legalista, onde a norma se situa acima da misericórdia e do amor ao próximo²⁰.

Joachim Jeremias, em seu livro *Jerusalém no tempo de Jesus*, afirma que a dignidade do Sacerdote e do Levita era transmitida por herança e não podia ser adquirida por outra via. Era, portanto, de máxima importância conservar a pureza da descendência. "A dignidade de sacerdote e de levita transmitia-se por herança e não podia ser adquirida por outra via; era, pois, da máxima importância conservar a pureza da descendência"²¹.

Em outras palavras, se o Sacerdote ou o Levita socorressem o homem ferido, sem ter a certeza de que ele estaria morto, eles poderiam não somente se tornar impuros, mas também comprometer toda a sua descendência.

O imperativo da ação: conversão radical e misericórdia

Giuseppe Segalla, em seu livro *A Cristologia do Novo Testamento*, aborda Jesus e sua obra de salvação, ressaltando seus atos salvíficos na forma como Ele agia com os pecadores e como mostrava as ações do Deus bondoso. Em específico, o Evangelho Sinótico de Lucas destaca a imagem do Pai como sendo de infinita e surpreendente misericórdia para com os pecadores, de modo que, "No seu modo de agir com os pecadores Jesus mostra a maneira de agir do Deus misericordioso (cf. as três parábolas da misericórdia em Lc 15 como apologia do seu comportamento com os publicanos e pecadores)"²².

Ao narrar essa parábola, Jesus procura romper com padrões rituais e leis que se sobrepõem ao maior de todos os princípios: o amor a Deus e ao próximo. Para Jesus, a melhor metáfora de Deus é, sem dúvida, a compaixão manifestada para com o ferido. O Filho de Deus se torna presente onde as pessoas agem com misericórdia. Ele [Jesus] contou diversas parábolas para ajudar as pessoas a verem na misericórdia o melhor caminho para entrar no Reino de Deus, que oferece a todos seu perdão.

²⁰SICRE DÍAZ, José Luis. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 133.

²¹JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus**: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Edifique, 2010, p. 292.

²²SEGALLA, Giuseppe. **A Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 88.

O sistema de pureza ritual procurava garantir a identidade judaica diante da cultura pagã. Contudo, isso resultou no endurecimento e no crescimento das diferenças e discriminações dentro do seu próprio povo. Isso ocorria porque, por nascimento, os sacerdotes e levitas, conforme falado anteriormente, possuíam uma categoria de santidade superior à do povo.

Segundo José Antônio Pagola, em uma sociedade onde se marca ritualmente o grau de pureza ou impureza das pessoas, os pagãos, publicanos, prostitutas, ou qualquer um que transgredisse o código de santidade eram excluídos do templo. O autor esclarece que "chama-se 'código de santidade' o conjunto de normas e prescrições coligidas no livro do Levítico 19–26. Foi redigido em ambientes sacerdotais do Templo e insiste na ideia de separação do impuro para ter acesso ao Deus Santo"²³. Na concepção da época, ninguém gostaria de ter por perto pessoas sujas ou desagradáveis, e certamente Deus também não.

Jesus veio, com suas narrativas e ações, quebrar o legalismo, introduzindo uma verdadeira revolução. O código de santidade, que por sua vez criava uma sociedade discriminatória e excludente, deu lugar ao código de compaixão proposto por Jesus. Ele ensinava sobre uma sociedade compassiva, acolhedora e incluyente, agregando aqueles sem honra e respeitabilidade. Afinal, a experiência que Jesus tem de Deus não leva à separação e exclusão, mas sim ao acolhimento, ao cuidado e à hospitalidade. Por isso, a compaixão é, para Jesus, a maneira de imitar a Deus e ser Santo como Ele. Quando olhamos as pessoas com amor e compaixão, somos parecidos com Deus; ajudar os que sofrem é agir como Ele, pois "Ele vive impregnado pela misericórdia: dói-lhe o sofrimento das pessoas, ele o assume como seu e o transforma em princípio interno de sua atuação"²⁴.

Jesus confronta as pessoas não com as leis ditadas pelos escribas, mas sim com um Deus compassivo. O importante no Reino de Deus não é contar com pessoas meramente observantes das leis, mas sim com filhos e filhas que se pareçam com Ele e sejam bons. Jesus critica, corrige e retifica determinadas interpretações da Lei quando as vê em contradição com a vontade de Deus, que quer, antes de mais nada, compaixão e justiça para com os fracos e necessitados de

²³PAGOLA, José Antonio. **Jesus: aproximação histórica**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 237.

²⁴Ibid., p. 240.

ajuda. Jesus, de fato, "relaciona-se com total liberdade com gente considerada impura, sem se importar com as críticas dos setores mais observantes."²⁵.

Segundo as parábolas de Jesus, a única resposta adequada ao Reino de Deus é o amor e a compaixão. O modo de ser e de atuar de Deus deve ser o programa de todos, pois um Deus compassivo pede de seus filhos e filhas uma vida inspirada na compaixão, e nada pode agradá-Lo mais. A construção de uma vida conforme a vontade de Deus só é possível se o amor e a compaixão se tornarem um imperativo absoluto.

Pagola afirma que o amor a Deus e ao próximo é a síntese da Lei, ou seja, o princípio supremo que lança luz sobre todo o sistema legal. Não é possível adorar a Deus no Templo e viver esquecido dos que sofrem. Afinal, o amor a Deus que exclui o próximo se converte em mentira. O que vai contra o amor, vai contra Deus e os ensinamentos de Jesus.

O amor a Deus e ao próximo é a síntese da lei, o princípio supremo que lança nova luz sobre todo o sistema legal. O mandamento do amor não se encontra no mesmo plano que os outros preceitos, perdido entre outras normas mais ou menos importantes. O amor relativiza tudo. Se um preceito não é deduzido do amor ou vai contra o amor, torna-se vazio de sentido não serve para construir a vida como Deus a quer.²⁶.

Dessa forma, compreende-se que a ética do Reino não anula a Lei, mas a preenche de significado através da misericórdia. É com base nessa primazia do amor prático que devemos, a seguir, transpor o cenário de Jericó para os desafios e a indiferença presentes na sociedade contemporânea.

O imperativo da parábola na realidade contemporânea

Há cerca de dois mil anos, o caminho de Jerusalém a Jericó era notório por expor quem o percorresse a perigos iminentes e óbvios. Isso se devia a múltiplos fatores, como a descida íngreme e a topografia perigosa, marcada por terrenos acidentados e cheios de pedras.

Adicionalmente, a rota era rodeada por cavernas que serviam de fáceis esconderijos para assaltantes. Essa geografia tornava os viajantes extremamente

²⁵Ibid., p. 301.

²⁶Ibid., p. 306.

vulneráveis e propensos a riscos e ataques, evidenciando a insegurança inerente ao percurso.

Jerusalém a Jericó: a recriação do cenário de crise e indiferença atual

No contexto contemporâneo, a "estrada de Jerusalém a Jericó" representa um cenário de crise e indiferença: um lugar onde indivíduos em situação de vulnerabilidade sofrem em sua jornada — seja ela física, emocional ou social — e, frequentemente, são ignorados pela sociedade.

Estes "homens feridos" são todos aqueles que necessitam de assistência urgente. O grupo abrange desde o morador de rua, o estrangeiro, viúvas e mães solo, até aqueles que foram vítimas de abuso, que enfrentam depressão, vícios ou que sofreram uma injustiça social.

Essa indiferença é ainda mais evidente quando parte de representantes de instituições das quais se espera auxílio e amparo — como o governo, organizações religiosas e filantrópicas. Muitas vezes, o discurso empregado por essas entidades não está em concordância com suas ações. Apesar de possuírem recursos ou mandato moral para ajudar, seus representantes "passam de largo" por indiferença, burocracia, medo de se envolver ou, simplesmente, por priorizarem sua própria conveniência e status.

A recontextualização ética dos personagens na sociedade atual

O "Bom Samaritano" pode ser comparado, na atualidade, às pessoas comuns que transcendem as diferenças sociais, culturais, religiosas, políticas e ideológicas. Em vez de se deterem nas distinções, elas agem em favor do próximo, movidas pela misericórdia e compaixão.

Em seus ensinamentos, Jesus frequentemente alertava sobre a necessidade de superar preconceitos e barreiras por meio do amor ao próximo, destacando que a verdadeira essência da obediência a Deus transcende o ritualismo e o legalismo. Ele condenou implicitamente a hipocrisia das figuras religiosas da época (o sacerdote e o levita) que, em vez de serem modelos de amor, misericórdia e piedade, priorizaram as leis da pureza ritual. O receio de se tornarem impuros pelo contato com um corpo, vivo ou morto, fez com que eles negligenciassem o ferido. Para

Jesus, o imperativo moral era a misericórdia e a ação de salvar uma vida, anulando qualquer regra ou ritual. Milton Schwantes, afirma em seu livro *História de Israel: Local e origens* que a lei da "Santificação de Levítico 17-26 aparentemente foi formulada no exílio, isto é, no 6º século. Do mesmo período também são as instruções sobre a construção do tabernáculo em Êxodo 25-40"²⁷.

A falha desses líderes contrasta com o próprio ideal de piedade defendido na literatura sapiencial judaica do período, onde a dedicação à Lei deveria levar à sabedoria e à retidão. Fohrer ilustra esse ideal do 'escriba ideal' da seguinte forma:

Diferente é aquele que aplica a sua alma, o que medita na lei do Altíssimo. Ele investiga a sabedoria de todos os antigos, ocupa-se das profecias. Conserva as narrações dos homens célebres, penetra na sutileza das parábolas. Investiga o sentido obscuro dos provérbios, deleita-se com os segredos das parábolas. Presta serviços no meio dos grandes e é visto diante dos que governam. Percorre países estrangeiros, fez a experiência do bem e do mal entre os homens. Desde a manhã, de todo coração, volta-se para o Senhor, seu criador. Súplica diante do Altíssimo, abre sua boca em oração. Suplica o perdão de seus pecados. Se for da vontade do supremo Senhor, ele será repleto do espírito de inteligência. Ele mesmo fará chover abundantemente suas palavras de sabedoria e na sua oração dará graças ao Senhor. Ele mesmo adquirirá a retidão do julgamento e do conhecimento, meditará os seus segredos. Ele mesmo manifestará a instrução recebida, gloriar-se-á da lei da aliança do Senhor. Muitos louvarão a sua inteligência e jamais será esquecido. Sua lembrança não se apagará, seu nome viverá de geração em geração²⁸.

A escolha do Samaritano como chave central e personagem heroico de seu ensinamento não foi casual. Na verdade, Jesus selecionou um representante de um grupo que era social e religiosamente desprezado pelos Judeus. Esta aversão data, historicamente, do tempo da volta dos exilados da Babilônia, período em que o povo de Israel, durante os séculos VI e V, desenvolveu novos modelos de organização comunal e culto que acentuaram a cisão com os samaritanos²⁹.

Alguns anos mais tarde, grupos de exilados começaram a retornar a Sião em etapas, estabelecendo-se em sua antiga pátria. Eles recomeçaram os fundamentos

²⁷SCHWANTES, Milton. **História de Israel: local e origens**. 3. ed. alt. e ampl. São Leopoldo: Oikos, 2008. v. 1, p. 108.

²⁸FOHRER, Georg. **História da religião de Israel**. São Paulo: Academia Cristã; Edifque Editora, 2012, p. 490.

²⁹FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 300.

de um novo tempo ao construir um altar e celebrar a Festa dos Tabernáculos, iniciando de fato a reconstrução do Templo³⁰.

O povo de Samaria — composto por ex-cidadãos do Reino do Norte e deportados trazidos pelos Assírios — ao saber do início da construção do Segundo Templo, procurou Zorobabel com o pedido de se juntar à obra. Contudo, o Sacerdote Josué e Zorobabel recusaram a proposta e mandaram os moradores do Norte se retirarem³¹.

Assim, a recusa de Josué e Zorobabel em aceitar a participação samaritana na reconstrução do Templo não foi um incidente isolado, mas uma ação que consolidou o projeto teológico e social de uma nova identidade judaica no período pós-exílico. Nesse sentido, a Torá e suas leis não apenas serviram como guia, mas se tornaram um instrumento de distinção e exclusão. Erich Zenger detalha a centralidade desse processo de definição identitária pela pureza:

Ao lado do templo como centro visível do 'novo' Israel, os escritos canônicos, especialmente a Torá, adquirem crescente importância como instrumento para construir identidade e integrar socialmente. A prática emergente de realizar um culto a Deus na sinagoga, centrado na Escritura (cf. Ne 8), serve à apresentação contínua e à atualização desse instrumento. O povo de Deus se constitui pela fidelidade à Torá (exemplificada na rejeição dos matrimônios mistos, na observância do sábado, no cuidado pelo templo e pelo culto, e nas festas)³².

Em oposição ao templo de Jerusalém, os samaritanos construíram seu próprio templo de adoração no Monte Gerizim, o que intensificou dramaticamente as tensões. A combinação desses fatores consolidou um ódio irreconciliável que perdurou por séculos, sendo continuamente aprofundado por disputas religiosas e étnicas.

Esses fatos históricos e religiosos fundamentam a intenção de Jesus ao escolher tal personagem: combater o preconceito e demonstrar que o amor e a compaixão não devem ter fronteiras. Assim, amar não é apenas um sentimento, mas uma ação concreta, como o Samaritano evidenciou ao cuidar de um estranho ferido, sem esperar qualquer retribuição.

³⁰Esdras 3:8-13.

³¹FINKELSTEIN; SILBERMAN, Op. cit., p. 303.

³²ZENGER, Erich et al. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 232.

Jesus concluiu a parábola com um imperativo — uma ordem e instrução direta ao perito da lei e a todos os ouvintes: "Vai, e procede tu de igual modo"³³. Isso demonstra que a verdadeira fé e a compreensão da lei de Deus não se esgotam em debates teológicos, mas se manifestam na ação prática e diária da misericórdia e da compaixão.

A parábola nos remete à ideia de que Jesus não apenas ordena, mas serve como exemplo vivo de como a fé deve se traduzir em ações, afinal, "a fé sem obras é morta"³⁴. O Sacerdote e o Levita possuíam, em tese, uma fé religiosa e um conhecimento profundo da Lei que ordenava amar ao próximo. No entanto, a fé deles permaneceu morta e estéril, pois, ao "passar de largo," priorizaram a pureza ritual em detrimento do sofrimento alheio. Aos olhos de Jesus, a fé deles estava morta justamente porque negligenciaram a oportunidade de produzir frutos de compaixão.

Por outro lado, a ação do Samaritano — visto como estrangeiro e herege pelos Judeus — demonstrou uma fé viva. Ele reagiu ao moribundo com compaixão visceral, sendo o seu ato mais autêntico de adoração a Deus do que qualquer ritual realizado no Templo.

O desafio da "fé sem obras" e o engajamento transformador

Na contemporaneidade, somos chamados a superar barreiras de classe social, nacionalidade ou ideologia por meio da prática da misericórdia, a qual válida a crença e reflete o amor de Deus no mundo, transformando o indivíduo no verdadeiro "próximo" para quem necessita. Tal perspectiva está em consonância com os princípios estabelecidos no Pacto de Lausanne, que prega a inseparabilidade da fé e das obras, unindo evangelismo e responsabilidade social.

O Pacto de Lausanne surgiu em um congresso internacional realizado em 1974 com o objetivo de definir a missão da igreja no mundo moderno. Sua função central é buscar o equilíbrio entre o evangelismo (salvar almas) e a ação social (cuidar do ser humano). A Seção 5 do Pacto, intitulada "A Responsabilidade Social Cristã", enfatiza e aborda diretamente a questão da fé e das obras. O documento afirma que, "Deus é o Criador e o Juiz de todos os homens. Portanto, devemos

³³Lucas 10:37.

³⁴Tiago 2:26.

partilhar o seu interesse pela justiça e pela conciliação em toda a sociedade humana, e pela libertação dos homens de todo tipo de opressão."³⁵

Ao estabelecermos uma analogia entre a Parábola e o Pacto de Lausanne, observamos que a narrativa bíblica serviu de base moral para as questões abordadas no documento. O Pacto critica a igreja que se concentra apenas na liturgia, no culto e no evangelismo verbal, ignorando as necessidades físicas e sociais do mundo. Condenando a atitude do Sacerdote e do Levita, o documento endossa o Samaritano como modelo de ação cristã a ser seguida. Isso implica que a evangelização deve ser inseparável das obras de misericórdia e justiça. Assim, a missão cristã deve abordar o ser humano em sua totalidade — corpo, alma e espírito — unindo a proclamação do evangelho à responsabilidade social.

Como homem, Jesus foi marcado pelos fatores que o cercavam — a geografia, a história e a cultura de seu país. Por conta dessas condições, Ele teve, por vezes, de tomar partido em conflitos políticos e confrontar a resistência das instituições religiosas de sua época.

Ao analisar a exposição da Parábola do Bom Samaritano, feita por Jesus, o exegeta da passagem deve buscar o máximo de justificativas textuais, gramaticais, históricas, contextuais e conceituais. Isso porque o intérprete deve ter essas características em comum com o autor. A interpretação que melhor realiza esse propósito tem a maior probabilidade de ser a interpretação (pelo ouvinte) verdadeira, aquela que expressa a intenção do autor³⁶.

Desse modo, a participação dos ouvintes oferece ao exegeta auxílio na solução de problemas, na apresentação de opiniões e alternativas, na exposição da questão central da parábola, além de providenciar informações e ideias adicionais a respeito do texto.

Qual era a intenção de Jesus, como exímio exegeta, ao citar os personagens do texto? O Sacerdote não poderia, de forma alguma, aproximar-se do moribundo, pois as consequências seriam drásticas, conforme discutido. Para ingressar nesse ofício hereditário, que se transmitia aos filhos, eram impostas duas exigências: que a

³⁵CONGRESSO INTERNACIONAL DE EVANGELIZAÇÃO MUNDIAL, 1., 1974, Lausanne. **Pacto de Lausanne. Lausanne:** Comitê de Lausanne para a Evangelização Mundial, 1974. Item 5.

³⁶GRASSMICK, John D. **Exegese do Novo Testamento:** do texto ao púlpito. São Paulo: Shedd Publicações, 2009, p, 179.

esposa fosse uma judia e não uma bastarda (Samaritana) e que o filho fosse fisicamente e mentalmente saudável³⁷.

Os Levitas, por sua vez, por exercerem funções de apoio no Templo (como músicos, porteiros ou auxiliares do Sacerdote), também teriam de evitar a aproximação. Ao negarem ajuda, sua atitude contrastou com a do personagem menos provável: o Samaritano. Visto como opositor ao Judaísmo, que recusava reconhecer Jerusalém como metrópole religiosa e o Templo de Salomão como santuário central, o Samaritano agiu³⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve por objetivo descrever a exegese lucana da Parábola do Bom Samaritano e suas implicações éticas, sugerindo um modelo de interpretação que fomente a responsabilidade e o cuidado com o "próximo" nos dias atuais. A problemática central, que indagava como os princípios teológicos e éticos da parábola podem ser empregados para engajar a comunidade de fé na redução da vulnerabilidade e exclusão social, foi respondida por meio da análise narrativa e hermenêutica contextual, alicerçada na perspectiva lucana.

O trabalho de pesquisa confirmou a hipótese de que a parábola estabelece um novo paradigma ético que confronta o legalismo religioso e o individualismo contemporâneo. O estudo revelou que a omissão do Sacerdote e do Levita, figuras que representavam o conhecimento da Lei e a pureza ritual, foi motivada, em grande parte, pelo receio de violar o código de santidade e se contaminar cerimonialmente. Esse comportamento validou a crítica de Jesus ao legalismo que prioriza a regra em detrimento da misericórdia e da urgência da necessidade humana.

Em contrapartida, a figura do Samaritano — um personagem historicamente marginalizado e considerado inimigo pelos judeus — foi determinante para a conclusão. Sua atitude de compaixão e cuidado, genuinamente desinteressada e imediata, estabeleceu o modelo de comportamento evangélico. A exegese promove a inversão da pergunta do legista: de uma busca por delimitação legal ("Quem é o

³⁷SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard. **A Palestina no tempo de Jesus**. Revisão de José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulus, 1983, p 57.

³⁸Ibid., p. 84.

meu próximo?") para um imperativo de ação e compaixão ("De quem eu me tornei próximo?"). O trabalho concluiu que a vida em plenitude (vida eterna) não é uma meta a ser obtida por interesse egoísta, mas sim uma consequência da virtude de viver o amor desinteressado pelo próximo. O amor a Deus e ao próximo é, portanto, o princípio supremo que rompe barreiras sociais e ritualísticas, convertendo-se no caminho para uma vida de plenitude e engajamento social.

A recontextualização da Parábola do Bom Samaritano, conforme analisada no tópico, permitiu a analogia da "estrada de Jerusalém a Jericó" como um cenário contemporâneo de crise e vulnerabilidade, onde os "homens feridos" são todos aqueles que sofrem exclusão social. A aplicação dos princípios da parábola encontra concordância no Pacto de Lausanne, que reafirma a inseparabilidade da fé e das obras, e desaprova a igreja que se concentra apenas no ritualismo, ignorando as necessidades físicas e sociais do mundo. Este estudo ofereceu uma contribuição que reforça a natureza prática e ativa do Evangelho, evidenciando que a fé sem obras é morta, e que a compaixão é o código ético que imita a Deus.

O assunto principal deste trabalho, a ética da compaixão na Parábola do Bom Samaritano, não se esgota nesta análise, mas sim abre um vasto horizonte para inquições futuras no campo da Teologia e da Ética Social. Sugere-se, portanto, que novos pesquisadores investiguem as seguintes vertentes: um Aprofundamento da Hermenêutica da Alteridade do Samaritano em face do legalismo; uma Análise Sociológica e Econômica da Caridade, investigando as implicações do compromisso financeiro e do tempo despendido pelo Samaritano, o que pode auxiliar a formulação de modelos de responsabilidade social eclesial mais eficazes; e, por fim, um estudo sobre a Parábola e a Liderança Religiosa Contemporânea, analisando a divergência atual entre o foco na pureza ritual ou doutrinária e o imperativo da misericórdia, à luz da omissão das figuras religiosas de Lucas 10. Este projeto, assim, representa uma contribuição inicial para a continuidade e relevância do estudo da parábola.

Referências bibliográficas:

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**: nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CARNEIRO, Marcelo da Silva; GOMES, Silvio Cezar José Pereira. A vida eterna é para aquele que não a procura: a parábola do Bom Samaritano. **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 125-141, jul./dez. 2019.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE EVANGELIZAÇÃO MUNDIAL (1.: 1974: Lausanne, Suíça). **Pacto de Lausanne**. Lausanne: Movimento de Lausanne, 1974. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/statement/pacto-de-lausanne>. Acesso em: 23 ago. 2025.

CROATTO, José Severino. **Hermenêutica bíblica**: para uma teoria da leitura como produção de significado. São Paulo: Paulinas, 1986.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia desenterrada**: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

FOHRER, Georg. **História da religião de Israel**. Tradução: Josué Xavier. São Paulo: Academia Cristã; Edifique Editora, 2012.

GRASSMICK, John D. **Exegese do Novo Testamento**: do texto ao púlpito. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus**: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. Revisão de Lenório Dalbosco. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Edifique, 2010.

LAZZARI JUNIOR, Julio Cesar. A mensagem universal e atemporal da parábola do bom samaritano. **Revista de Cultura Teológica**, v. 19, n. 73, p. 33-41, jan./mar. 2011.

MENESES, Ramiro Délio Borges. O vulnerável segundo a parábola do Bom Samaritano. **Revista de Cultura Teológica**, v. 14, n. 56, p. 9-35, jul./set. 2006.

MOREIRA, Gilvander Luís. **Lucas e Atos**: uma teologia da história: teologia lucana. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Bíblia em comunidade. Série teologias bíblicas; 12).

PAGOLA, José Antonio. **Jesus**: aproximação histórica. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PATUZZO, Izabel; NAVARRO, Tarlei. E quem é o meu próximo? Uma leitura de Lc 10,25-37 em chave narrativa. **Revista Contemplação**, v. 23, p. 159-173, 2020.

SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard. **A Palestina no tempo de Jesus**. Revisão de José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulus, 1983.

SCHWANTES, Milton. **História de Israel**: local e origens. 3. ed. alt. e ampl. São Leopoldo: Oikos, 2008. v. 1.

SEGALLA, Giuseppe. **A Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1992.

SICRE DÍAZ, José Luis. **Introdução ao Antigo Testamento**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

STORNIOLO, Ivo. **Como ler o Evangelho de Lucas**: os pobres constroem a nova história. São Paulo: Paulus, 2022, pp. 106-107. (Série Como Ler a Bíblia).

SPURGEON, C. H. **Sermões de Spurgeon sobre as Parábolas**. São Paulo: Pão Diário, 2019.

ZENGER, Erich et al. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2003.